

O SANTUÁRIO DE OLÍMPIA, O CULTO DE ZEUS OLÍMPIO E OS JOGOS A PARTIR DE UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA*

* Esse artigo é parte da discussão sobre o santuário de Olímpia apresentada em nossa tese de doutorado (LAKY, 2016).

LILIAN DE ANGELO LAKY¹

BREVE HISTÓRIA DA PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM OLÍMPIA

Resumo: Tem sido aceito que a instituição dos jogos em Olímpia ocorreu, entre outros fatores, em razão do prestígio alcançado pelo oráculo de Zeus Olímpio durante o século VII a.C., o qual teria pedido a celebração de um ritual mais solene com a realização de uma grande festa que previa competições agonísticas em honra à divindade (Taita, 2007, p. 106). Trata-se do período também da instalação do primeiro estádio. As competições atléticas foram parte do processo que levou à consolidação de Zeus Olímpio como uma divindade militar a partir da época arcaica, como demonstra a inter-relação entre atletismo e guerra na cultura grega antiga. Nesse artigo, apresentaremos um panorama acerca do debate mais atual sobre o desenvolvimento das atividades religiosas no santuário de Olímpia (com destaque ao culto de sua principal divindade, Zeus Olímpio) e sua inter-relação com as práticas agonísticas, os grupos políticos e suas comunidades até a época clássica (com ênfase no século V a.C.).
Palavras-chave: Olímpia; Zeus Olímpio; jogos olímpicos.

O santuário de Zeus em Olímpia localiza-se na sub-região de Élis, no noroeste do Peloponeso, no vale dos rios Alfeu e Cladeus, na antiga área denominada Pisatis – cercada pela Trifília e Messênia a sul, pela Acaia a norte e pela Arcádia a oeste (**Fig.1**). As primeiras escavações arqueológicas na área foram conduzidas em 1829 pela *Expédition Scientifique de Morée*, considerada a pioneira da exploração moderna de Olímpia e cujo trabalho se concentrou principalmente sobre as ruínas do templo de Zeus (KYRIELEIS, 2001, p. 47-48; 2007, p. 102-103). O primeiro e decisivo período de escavações em Olímpia ocorreu entre os anos de 1875 e 1881. No decurso de seis temporadas de escavações empreendidas graças ao trabalho de Gustav Hirschfeld, Adolf Bötticher, Georg Treu, Wilhelm Dörpfeld e Adolf Furtwängler sob a direção geral de Ernst Curtius e Friedrich Adler, a maior parte das ruínas de Olímpia vieram à luz junto a uma imensa coleção de inscrições, esculturas e dedicações de todos os tipos. Nos primeiros dois anos (1875-1877) foram removidas as camadas de sedimentos sobre o templo de Zeus. Durante essas explorações sistemáticas ao redor do edifício revelaram-se as esculturas dos pedimentos

¹ Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA/MAE-USP). Desde 2012 atua na pesquisa e catalogação dos achados monetários da escavação arqueológica do Instituto Alemão de Atenas (DAI Athen) do setor a sudeste do antigo estádio. Contato: lilian.laky@usp.br.

e as métopas, as quais foram consideradas a descoberta mais importante das escavações de Olímpia (KYRIELEIS, 2001, p. 50). Entre 1954 e 1958 a Oficina de Fídias foi descoberta sob a igreja bizantina a oeste do templo de Zeus (KYRIELEIS, 2001, p. 53-54; p. 57; 2007, p. 106; p. 110). As campanhas entre 1937-1967 recuperaram inúmeros achados de objetos de bronze durante as escavações do estádio, na maior parte, despojos de guerra (escudos, elmos e perneiras). Nessa última década, além das escavações no setor sudeste do estádio, os projetos em Olímpia têm se ocupado da conservação dos monumentos e da sua reconstituição visual, através da restauração de sua arquitetura original, na paisagem do santuário (KYRIELEIS, 2007, p. 116). Também resultados das antigas escavações têm sido revisados, assim como aqueles das escavações dos anos de 1980 e 1990 têm sido publicados, como é o caso daquelas chefiadas por H. Kyrieleis nessa época, que tem trazido novas perspectivas sobre o início do culto de Zeus no santuário. Com relação às últimas escavações, as pesquisas no setor a sudeste do antigo estádio foram finalizadas e novas escavações começaram na área da *stoá* sul.

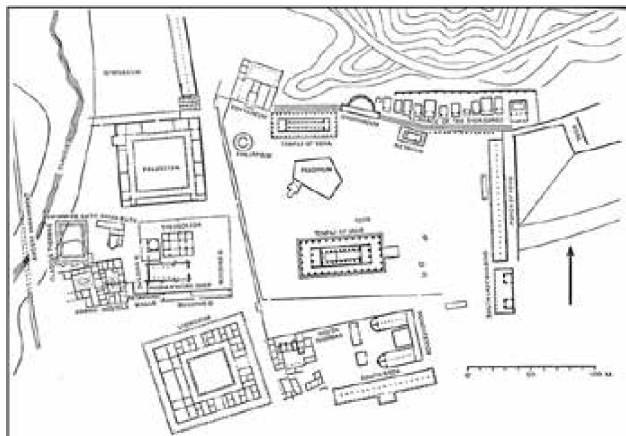


Fig. 1- Planimetria do santuário de Olímpia (BERVE; GRUBEN, 1963: s/pág.)

O DESENVOLVIMENTO RELIGIOSO E ESPACIAL DO SANTUÁRIO: DA IDADE DO FERRO À ÉPOCA CLÁSSICA

O início da atividade cultural em Olímpia data a partir do início da Idade do Ferro, entre o heládico tardio IIC (1200-1070 a.C.) e o sub-micênico (1070-1000 a.C.). O término de suas funções ocorreu no

período romano tardio (IV d.C.) com o Edito de Teodósio. As evidências sobre o período mais antigo do estabelecimento de Olímpia, como um santuário, foram encontradas em meio à grande camada de terra preta (formada por restos sacrificiais) que se estende entre o Heraion, o Pelópion e o Metroon (Fig.2). Nela foram encontradas taças do período sub-micênico, uma grande quantidade de vasos para o consumo de bebida, datados da metade do século XI a.C, um pequeno número de fíbulas do heládico tardio, alfinetes de época sub-micênica e figurinhas humanas e animais em bronze e terracota, sendo as mais antigas em terracota aquelas datadas entre os séculos X-IX a.C., e os objetos mais recentes, encontrados na camada, datados do século VII a.C. (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 90 e 93). Segundo a opinião dominante, trata-se de um aterramento dos resíduos de atos rituais realizados durante os trabalhos de desenvolvimento e aplainamento da área do Altis no período geométrico (900-750 a.C.) (KYRIELEIS, 2001, p. 60). Alguns autores atribuem às cinzas, e os materiais encontrados na terra preta, ao grande altar de Zeus (HIMMELMANN, 2001, p. 155; MORGAN, 1994, p. 33-34). Conforme Zolotnikova, tratar-se-ia, na realidade, dos traços do antigo altar de Zeus, que teria sido usado até c.600 a.C., quando foi substituído pelo grande altar, descrito por Pausânias (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 92). A área da grande camada preta é considerada, atualmente, a área original das atividades de culto em Olímpia (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 92).

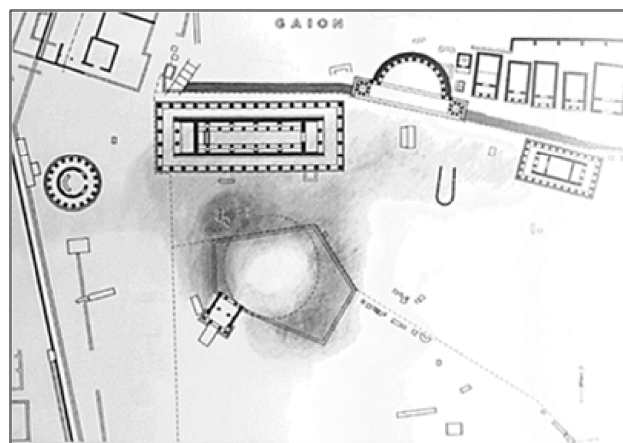


Fig.2- Planimetria da área da chamada "camada preta" no santuário de Zeus em Olímpia (KYRIELEIS, 2006: Pr. 12)

Uma nova posição, contudo, a respeito da camada de terra preta, passou a vinculá-la a uma antiga construção (DUPLOUY, 2012, p. 106). De acordo com novas pesquisas na área, a terra preta pode estar relacionada, na realidade, a uma estrutura em pedra da Idade do Bronze (Edifício I) situada a noroeste do Pelópion – ao redor do qual foi encontrada a maior concentração de oferendas votivas de época geométrica (DUPLOUY, 2012, pp.106-107). É provável que o Edifício I, uma estrutura absidal datada do heládico antigo III transformada em um edifício retangular no final da Idade do Bronze, possa ter sido utilizado como o altar mais antigo do santuário² (DUPLOUY, 2012, p. 107). Essa é a posição mais recente acerca do primeiro altar de cinzas em Olímpia. A tese sobre a substituição desse antigo altar em c.600 a.C., por aquele visto por Pausânias, ainda é aceita, mesmo diante dessa nova hipótese.

Entre os objetos votivos mais numerosos encontrados no santuário, e datados da Idade do Ferro, estão as figurinhas de animais (touros, bois, cavalos, carneiros e cães) de terracota e bronze – a maior parte recuperada na camada de terra preta. Estas foram dedicadas em Olímpia entre o período proto-geométrico, o sub-geométrico e o início do período arcaico (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 96). Boa parte dessas figurinhas em bronze adornavam a parte superior dos trípodes e caldeirões. Estes tipos de objetos também correspondem a uma grande quantidade de votivos recuperadas no santuário, tendo sido dedicados desde o início ao final do período geométrico (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 94). Trípodes e cadeirões de bronze “foram encontrados, na maior parte, no setor leste do santuário, entre o estádio e o *oktogn* romano, para onde provavelmente foram removidos durante as contínuas mudanças arquitetônicas no Altis”, como era chamado o bosque de Olímpia na antiguidade (ZOLOTNIKOVA, 2013, pp. 94-95). Além daquelas de animais, alguns

tipos de figurinhas humanas masculinas ornavam os trípodes e caldeirões. As mais antigas delas, do início do geométrico tardio, provenientes dos trípodes mais antigos, representam um homem nu, grosseiramente retratado, com os braços levantados, usando, o que parece ser, um elmo na cabeça. Estas figurinhas masculinas chegaram a ser identificadas como uma representação de Zeus “epifânico” (Fig.3) (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 95). Já as figurinhas mais recentes, datadas a partir do final do geométrico tardio, elaboradas com um maior rigor estilístico, retratam claramente um homem, também, nu, vestindo um elmo e um cinto e segurando, supostamente, uma lança ou espada (Fig.4) (ZOLOTNIKOVA, 2013, p.94). Apesar de terem sido identificadas como representações de Zeus, aceita-se, atualmente, que se tratam de figurinhas de guerreiros. Nesse mesmo aspecto também se enquadram as figurinhas de cocheiros e seus carros, também adornos de trípodes, que de alguma forma “podem ser uma referência aos jogos mais antigos” (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 94).



Fig.3 - Figurinha masculina de bronze, geométrico tardio, Novo Museu de Olímpia (BARRINGER, 2010: fig.8.4b)

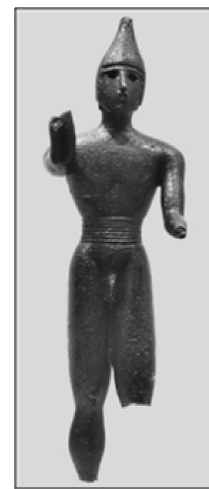


Fig.4 - Figurinha masculina de bronze, c.680 a.C., Novo Museu de Olímpia (BARRINGER, 2010: 8.50)

Figurinhas de terracota feminina, datadas somente entre o geométrico e o sub-geométrico, foram encontradas em bem menor número no santuário, em relação aos tipos masculinos, o que implicou, como veremos, na supremacia de uma divindade masculina sobre um antigo culto de divindades femininas no local (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 94). Pequenos objetos em bronze (alfinetes, anéis,

² Ao longo dos séculos, o Edifício I sofreu uma série de outras transformações, como o seu uso como área de enterramento no heládico médio I e, cerca de um milênio depois, quando a sepultura deve ter aflorado do solo, começaram ali a ocorrer sacrifícios e, por consequência, a acumular restos de oferendas e banquetes (DUPLOUY, 2012, p. 107).

braceletes, miniaturas de machados duplos) datados entre o proto-geométrico e o geométrico foram recuperados em vários pontos do santuário (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 96).

Uma das grandes questões sobre Olímpia e o culto de Zeus, durante a Idade do Ferro, está na identificação de algumas das figurinhas humanas (masculinas) de terracota, aquelas mais antigas encontradas na camada de terra preta. Embora haja poucos elementos que possibilitem uma classificação precisa, alguns especialistas as têm considerado como as imagens mais antigas de Zeus encontradas em Olímpia e as únicas evidências que asseguram a identificação de seu culto no santuário a partir do século X a.C. (Fig.5) (MORGAN, 1994, p. 26; VALAVANIS, 2004, p. 35). Já outros estudiosos, atualmente, preferem interpretá-las como imagens dos próprios ofertantes usando partes de armadura (TAITA, 2007, p. 95, nota 42). De todo modo, essas figurinhas são associadas exclusivamente a Olímpia, pois tipos similares não foram encontrados em nenhuma outra parte da Grécia.³



Fig.5- Terracotas de figurinhas proto-geométricas masculinas (Heilmeyer et alii, 2012: p.115, fig.3)

Outra nova teoria referente à Olímpia durante a Idade do Ferro refere-se a uma construção que tem sido considerada o primeiro edifício de culto de Zeus no santuário. Até muito recentemente, assumia-se que durante esse período não existia nenhum tipo de construção relacionada ao culto do deus no Altis. Trata-se do denominado Edifício VII,

situado entre o templo de Zeus e o Metroon (DUPLOUY, 2012, p. 108; ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 92). À época de sua descoberta em 1880, o edifício foi considerado por Dorpfeld como uma construção pré-histórica em U (da metade do 2º. milênio a.C.), mas, mais recentemente, a pesquisa de J. Rambach reexaminou a estrutura absidal e mostrou que esta havia sido construída sobre uma mais antiga da Idade do Bronze e deve ser datada, na realidade, da Idade do Ferro (DUPLOUY, 2012, p. 108). Além disso, o Edifício VII é muito maior do que o proposto no século XIX – mede entre 7,5 e 8 m e pode ser considerada a maior construção do santuário naquele período (DUPLOUY, 2012, p. 108-109). A relação da construção com a concentração de oferendas da Idade do Ferro na área, e as suas grandes dimensões, levaram o estudioso alemão a propor que se tratou do primeiro templo de Zeus em Olímpia (DUPLOUY, 2012, p. 109). Propõem-se, assim, que se trataria, desde o início, de um culto a Zeus e não a um herói mítico local como Pélope (DUPLOUY, 2012, p. 107). Como bem coloca Zolotnikova, essa conclusão a respeito do Edifício VII “representa uma reviravolta sobre todas as teorias anteriores a respeito do início do culto em Olímpia e ainda não tem sido amplamente seguida e discutida por outros especialistas, por isso, deve ser ainda considerada como uma probabilidade (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 93).

Entre o final do século VIII e o início do século VII a.C., houve um forte declínio na dedicação de figurinhas em terracota e bronze, como indica o menor número encontrado desse tipo de objeto votivo, ao passo que trípodes e caldeirões em bronze com prótomos de leões e grifos, de proveniência oriental, se mantiveram como oferendas principais durante o século VII a.C. (MOUSTAKA, 2002^a, p. 201; TAITA, 2007, p. 97 e pp.106-107). A partir do início do século VII a.C., ocorreu, também, um rearranjo arquitetônico e espacial no santuário: o recinto de Pélope foi erigido sobre as ruínas do assentamento da Idade do Bronze, um espaço especial para o estádio foi organizado a leste dessa estrutura e, no início do século VI a.C., ao redor de 600 a.C., o primeiro templo dórico períptero (tradicionalmente atribuído à Hera) foi construído em Olímpia

³ Informação obtida no painel *Figurines of Zeus Warrior type* da sala 2 do Novo Museu de Olímpia. Sobre a discussão completa a respeito dessas figurinhas de terracota, vide Zolotnikova, 2013, pp. 93-94.

(ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 92). Foi nessa época, no início do século VI a.C., após a reestruturação completa do santuário, que o altar de Zeus foi deslocado a leste, provavelmente para o lugar no qual viu Pausânias (DUPLOUY, 2012, p. 107). Essa operação de mudança foi realizada contemporaneamente ao nivelamento do terreno e à dispersão dos restos de culto do estrato de terra preta (DUPLOUY, 2012, p. 107). De acordo com J. Taita, “a instalação da pista de corrida, no primeiro quartel do século VII a.C., que atesta o início dos jogos nessa época, e o deslocamento do altar, ao redor de 600 a.C., foram mudanças significativas realizadas para ampliar o espaço para a realização de sacrifícios no setor leste do santuário” (TAITA, 2007, p.107). Conforme a autora, “tratou-se de várias medidas que refletiram a exigência em reorganizar o espaço do santuário, demarcando os setores sagrados daquele agonístico e profano” (TAITA, 2007, p. 107). Uma outra opinião, contudo, interpreta o estabelecimento do primeiro estádio dentro da área sagrada, em proximidade ao altar de Zeus, pois os jogos eram parte integrante das celebrações religiosas (KOUTSOUMBA, 2004, p. 99). Repara-se, assim, que essa nova configuração do santuário em época arcaica concentrou-se, justamente, no setor onde o culto em Olímpia se iniciou na Idade do Ferro.

Foi a partir dessa época, entre os séculos VII-VI a.C. que o santuário atingiu uma complexidade maior em termos espaciais, em razão do aumento do número de lugares de culto, de dedicações e eventos atléticos frequentados pelo número crescente de visitantes provenientes, cada vez mais, de várias áreas do mundo grego (SCOTT, 2010, p. 147). Data-se de fins do século VII a.C. o início da atividade do Estado em Olímpia, como indica a construção do primeiro templo períptero, dos primeiros tesouros a partir do século VI a.C. – edifícios dedicados pelas cidades gregas para salvaguardar as oferendas mais preciosas dedicadas a Zeus –, localizados no sopé da colina de Cronos, e do *buleutério* (entre 550-500 a.C.), no setor sul do santuário (MORGAN, 1994, p. 223). A atividade do Estado, refere-se tanto à formalização da participação das cidades em Olímpia, quanto pressupõe a existência de uma autoridade na organização e administração do santuário, como foi o caso de Élis. A participação exclusiva de Élis, no desenvolvimento das funções culturais, sem algum tipo de envolvimento de outras comunidades

da área do Alfeu e do distrito de Pisa, é confirmada por evidências arqueológicas ao redor de 570 a.C. (TAITA, 2007, p. 141). A documentação disponível não permite precisar se se tratou de “um fato completamente novo com respeito aos períodos anteriores – se durante os séculos VIII e VII a.C., os elios já estivessem de algum modo envolvidos no controle político do santuário de Olímpia” (TAITA, 2007, p. 141). De todo modo, a época assinalada para o início da administração de Élis, corresponde às mudanças espaciais significativas no santuário.

Durante essa época, também, a dedicação e exposição de *tropaia* (despojos de guerra) parecem ter sido uma prática entre os espectadores e participantes dos jogos. Milhares e diferentes tipos de armamentos defensivos datados entre o início do século VII e o final do século V a.C. com inscrição dedicatória a Zeus Olímpio – escudos, elmos, perneiras, pontas de lanças, braçadeiras, espadas, adagas e couraças em fragmentos ou em objetos inteiros – foram e ainda são encontrados em Olímpia, principalmente no setor leste do santuário, na área do estádio (Fig.6) (BARRINGER, 2010, p. 167). De acordo com J. Barringer, “traços de buracos nos blocos do muro sul do estádio I sugerem que os *tropaia* eram ali expostos pendurados, em estacas de madeira – justamente no local da corrida de cavalos de maior audiência” (BARRINGER, 2010, p. 167). A prática “continuou a existir no estádio II e há evidências de que os despojos eram expostos em outras áreas do Altis” (BARRINGER, 2010, p.167). De acordo com M. Scott, “a memorialização de conflitos militares através da dedicação de despojos de guerra era uma característica regular do santuário desde ao menos o século VIII a.C.” (SCOTT, 2010, p. 169).



Fig. 6 - Elmo etrusco dedicado por Hieron em Olímpia. c.474 a.C., Novo Museu de Olímpia (BRUNO, 2005: 15)

Ao mesmo tempo em que a dedicação de *tro-paia* havia se tornado uma prática mais popular em Olímpia, estátuas votivas de Zeus, em bronze, também aumentaram em popularidade. Dedicadas desde ao menos a época do tirano coríntio Cípselo, as estátuas do deus tinham uma durabilidade muito maior no tempo de exposição e ainda no início do século V a.C. eram usadas especialmente para representar vitórias militares (SCOTT, 2010, p. 172). No final do século VI a.C., estatuetas de Zeus, em bronze, na posição em pé e lançando o raio, e às vezes segurando uma águia, também apareceram no final do século VI a.C. e tornaram-se um padrão de dedicação até meados do século V a.C. (HIMMELMANN, 2001, p. 158).

Como bem coloca J. Barringer, “entre o fim das guerras pérsicas e o início da construção do templo de Zeus em c.470 a.C., a topografia do Altis manteve-se a mesma de antes da guerra: os tesouros do século VI a.C., no terraço norte, aos pés da colina de Cronos, o altar de cinzas de Zeus, e o Heraion, até então, o único edifício monumental construído no santuário” (BARRINGER, 2009, p.223). Em meados do século V a.C. o templo de Zeus, tradicionalmente considerado o primeiro edifício de culto à divindade, foi construído no setor central do santuário, “redefinindo toda a configuração espacial estabelecida desde a época arcaica” (LAKY, 2013, p. 220). Datado de c.470-456 a.C., orientado leste-oeste, o templo de Zeus Olímpio era dórico, períptero e hexastilo regular com 6x13 colunas e suas dimensões, de 27,68 x 64,12 metros no estilóbato, fizeram dele um dos maiores templos dóricos construídos na Grécia balcânica (BERVE; GRUBEN, 1963, p. 319; GRUPICO, 2008, p. 208; HELLMANN, 1998, p.113; TOMLISON, 1995, p. 34; VALAVANIS, 2004, p. 72; VEROIA, 2009, p. 9; YOUNGER; REHAK, 2009, p. 53). Os achados escultóricos mais importantes do edifício foram as métopas com a representação dos Doze Trabalhos de Hércules as quais ornavam os frisos do *pronaos* e do opistódomo, as esculturas do pedimento leste, que retratam um dos mitos associados ao santuário, a corrida de carros entre Pélope e Enomau e as do pedimento oeste, caracterizadas pela batalha entre Lápitais e Centauros (DINSMOOR, 1950, p. 152; BERVE; GRUBEN, 1963, p.323). O templo de Zeus foi

minuciosamente descrito por Pausânias (V, I. X, 1-9; V, I.XXIV, 1-4) e Estrabão (8.3.30).

Relacionada ao templo, a famosa estátua de ouro e marfim de Zeus Olímpio, obra de Fídias, foi instalada no edifício provavelmente menos de duas décadas depois do término do templo, ao redor de 430 a.C. (BERVE; GRUBEN, 1963, p. 322; DINSMOOR, 1950, p. 153; RICHTER, 1966, p.167; VALAVANIS, 2004, p.94). Assim como o templo, a estátua foi descrita somente por Estrabão (8.3.30) e por Pausânias (V, I.X-1-4; I. XI. 2-5). Além dos remanescentes da oficina de Fídias, instalada a oeste do templo de Zeus para a confecção da estátua, os achados de moldes de terracota encontrados na oficina – usados para fazer os componentes ornamentais da roupa da estátua – são as únicas evidências materiais provenientes da própria estátua⁴ (BERVE; GRUBEN, 1963, p. 323).

A construção do templo de Zeus significou a mais importante mudança na configuração do espaço do santuário desde o final do século VII a.C. Em nossa pesquisa de mestrado, quando contextualizamos espacialmente o edifício em relação às demais construções e oferendas em Olímpia, concluímos, “a partir do estudo de simetria de C.A. Doxiadis (1972), que o edifício foi incorporado à paisagem natural local (à simetria da colina de Cronos) e à paisagem mais antiga arcaica (o Heraion, o Pelópion, etc.)” (LAKY, 2013, p. 220). Além disso, “mais tarde, foram os novos edifícios que se arranjaram de acordo com a sua posição: o plano helenístico obedeceu à conformação clássica da paisagem criada a partir do templo” (LAKY, 2013, p. 220). Concluímos, também, que “o edifício norteou a articulação da exposição de diversas oferendas” (LAKY, 2013, p. 220). Nesse sentido, “todas estas referências simbólicas na paisagem do santuário confluíam para o grande templo, criando e reforçando, por assim dizer, um cenário único no qual Zeus Olímpio se impunha – em meio à diversidade de cultos – como o deus de Olímpia” (LAKY, 2013, p. 220).

Outra importante mudança também de impacto em Olímpia, nessa época, foi a consolidação de

⁴ Sobre a importância da estátua de Zeus Olímpio, acerca da iconografia da divindade em época clássica, vide Laky, 2008.

uma cunhagem de moedas, batidas no nome da comunidade de Élis e usadas para circular no santuário. As denominadas moedas de Olímpia começaram a circular no local no século V a.C. e portavam as imagens de Zeus e de seus atributos (a águia e o raio), de Nike e de Hera. Estas moedas, de uma certa forma, refletiram a iconografia do culto de Zeus consolidada em Olímpia em época clássica e a relação política e de identidade de Élis com o santuário.⁵

A última mudança ocorrida durante o século V a.C. refere-se à dedicação de despojos de guerra. Após a metade do século V a.C., houve o fim da dedicação de despojos de guerra (*tropaia*) na área do estádio – prática ativa no local principalmente entre 500-450 a.C. (SCOTT, 2010, p. 191). A interrupção da dedicação de *tropaia* ocorreu repentinamente e os estudiosos têm buscado explicá-la pelo argumento de que o santuário de Olímpia teria imposto um conjunto novo de regras sobre dedicações no período. Nessa perspectiva, *tropaia* não teriam simplesmente acabado, mas teriam sido banidos. A razão para o banimento da prática tem sido creditada a uma mudança realizada para tornar o santuário mais pan-helênico através da ocultação de sinais da inimizade entre as *póleis* muito visíveis nas inscrições sobre os escudos, elmos, pontas de lanças expostas no estádio ou ao redor do santuário (SCOTT, 2010, p. 193). Tal mudança ocorreu na época em que antecede a Guerra do Peloponeso, quando as *póleis* gregas passaram novamente a se atacar após o período em que celebravam conjuntamente o fim da ameaça persa. Assim, é possível que o santuário tenha procurado mascarar o conflito interno nascente entre os gregos (SCOTT, 2010, p. 193). Enquanto a dedicação de *tropaia* passou pelo seu florescimento final e declínio na primeira metade do século V a.C., contraditoriamente, houve o aumento da prática de dedicação de grupos de estátuas para comemorar também vitórias militares e conquistas políticas. A partir dessa época, a dedicação de estátuas de atletas continuou a aumentar se

⁵ Esse tema, acerca das moedas de Élis-Olímpia, é discutido em profundidade em nossa tese de doutorado, vide Laky, 2016, p. 421-454.

tornando uma prática comum até ao menos o fim da época grega (SCOTT, 2010, p. 193; p.196-197). Tal prática foi reflexo de uma mudança nos ideais agonísticos, ocasionada pelo início do atletismo profissional, que predominou durante o século IV a.C. (YALOURIS, 2004, p. 306).

O CULTO DE ZEUS OLÍMPIO E OS JOGOS: ORIGENS E DESENVOLVIMENTO

O culto a Zeus em Olímpia foi estabelecido sobre ruínas micênicas⁶ de forma semelhante como ocorreu em alguns santuários cretenses da divindade (em Amnisos e Palaikastro), instalados sobre antigos assentamentos minoicos abandonados. Por essa razão, alguns estudiosos chegaram a propor que o culto de Zeus teria se iniciado em época micênica,⁷ mas se trata apenas de especulação⁸ – não existem evidências sobre atividade cultual em Olímpia em época micênica, tal como existem para o culto no altar no santuário de Zeus localizado no Mt. Lykaion, na Arcádia, por exemplo.

O culto de Zeus em Olímpia é atestado pelas evidências materiais apenas a partir do século VI a.C., de quando datam as primeiras inscrições epigráficas que fazem referência à divindade como a principal do santuário (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 97). Como vimos, as figurinhas masculinas de terracota e de bronze, datadas da Idade do Ferro, não se caracterizam como representações do deus. Nesse sentido, assume-se, então, que, na fase mais antiga do santuário, houve a primazia de um culto dedicado à uma divindade masculina em um ambiente onde se cultuavam também divindades femininas, como indicam o baixo número de terracotas de

⁶ “Achados micênicos identificados sobre e ao redor da colina de Cronos testemunham a existência de um assentamento da Idade do Bronze tardia na própria colina e no Altis” (ZOLOTNIKOVA, 2011, p. 235). Para uma discussão completa a esse respeito, ver ZOLOTNIKOVA, 2013, p.87-92.

⁷ Kyrieleis não exclui, totalmente, a possibilidade de que um culto micênico (modesto) de Zeus tenha existido no topo da colina de Cronos em Olímpia (*apud* DE POLIGNAC, 1995, p. 29).

⁸ ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 89-90.

figurinhas femininas datadas igualmente dos períodos proto-geométrico e geométrico (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 97). Como coloca A. Moustaka, essas estatuetas femininas são consideradas evidências de que durante os tempos mais antigos de Olímpia havia o culto, no sopé da colina de Cronos, dedicado a Gê, Rhea e Eileithyia, deusas da fertilidade (MOUSTAKA, 2002^a, p.204; 2002b, p.302). Desde a época sub-micênica, aos séculos X-VIII a.C. e o início do período arcaico, a esse deus eram realizados sacrifícios de animais com queima, no altar de cinzas, rituais de refeições comuns, como indicam os trípodas e caldeirões, e de libações de vinho e consumo ritual de bebida, como evidenciam a maior parte dos achados cerâmicos datados desse período (taças, cântaros e crateras) (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 96 e p. 98). Aceita-se que tal divindade masculina cultuada durante a Idade do Ferro teria sido, desde o início, Zeus, como indicam as características militares, já presentes no culto nessa época, as quais se mantiveram como aquelas principais da divindade em Olímpia em época arcaica e em diante – ao menos desde a época geométrica, a predominância do culto de Zeus em Olímpia teria sido completa, se sobreposto, portanto, àquela das divindades femininas anteriormente cultuadas no local (KOUT-SOUMBA, 2004, p. 18; MOUSTAKA, 2002^a, p.204).

Antes de introduzirmos a questão sobre o aspecto militar do culto de Zeus, é preciso dizer que o tema sobre o antigo culto de divindades femininas, ao lado da antiga divindade masculina, em Olímpia, permanece, ainda, sem solução. Zolotnikova, por exemplo, assume o culto às divindades femininas e o culto de Hera em Olímpia a partir de determinados achados. Um objeto específico, um grupo de bronze, representando uma figura masculina e outra feminina, pertencente a um objeto maior do século VIII a.C., tem sido interpretado pela estudiosa (em associação às figurinhas femininas de terracota) como evidência do elemento de *hieros gamos* (de Zeus e Hera) no culto no santuário nessa época (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 96). Outra evidência, a esse respeito, datada entre o geométrico e o arcaico, é um tipo de figurinha de bronze de uma cavaleira, ou seja, uma figura feminina sobre um cavalo, encontrada em Olímpia e também em santuários

de divindades femininas nessa época (em Tegea, Lousoi e Perachora) (ZOLOTNIKOVA, 2013: 96). Já A. Moustaka oferece uma posição totalmente contrária, principalmente sobre o culto de Hera, na sua opinião, inexistente em Olímpia até o século V a.C. Segundo a estudiosa, não foi descoberta em Olímpia qualquer tipo de oferenda que seja semelhante àquelas encontradas em outros santuários de Hera: miniaturas de modelo de casas – um denominador comum aos principais santuários da deusa como em Argos, Perachora e Samos – não foram encontradas no Altis (MOUSTAKA, 2002a, p. 200; 2002b, p. 302). Em todos os três santuários de Hera são registrados diferentes tipos de dedicações com inscrições referentes à deusa, “ao contrário de Olímpia onde não há evidências na epigrafia até a época clássica (os primeiros tipos monetários com a representação da deusa que portam seu nome como inscrição)” (MOUSTAKA, 2002a, p. 200; 2002b, p. 302). Além disso, “a pletora de armas e elementos de panóplias de todo o tipo, que forma grande parte dos achados de Olímpia, é praticamente inexistente em santuários da deusa” (MOUSTAKA, 2002^a, p.200). Moustaka está entre os pesquisadores que defendem a atribuição a Zeus do primeiro templo monumental do santuário, o Heraion (MOUSTAKA, 2002a, p.204).

Ainda que tenha existido um elemento feminino no culto mais antigo em Olímpia, que é admitido pelos pesquisadores, concordamos com a proposição de A. Moustaka. As evidências citadas por Zolotnikova, a nosso ver, parecem representar casos isolados e por isso não comprovam, ainda, o culto de Hera entre os períodos geométrico e arcaico.

É comumente aceito entre os pesquisadores o forte aspecto militar do culto de Zeus em Olímpia, desde a Idade do Ferro, evidenciado a partir do tipo de objetos votivos a ele dedicados no período. As figurinhas de terracota e de bronze, aparecem, predominantemente, armadas ou usando algum tipo de equipamento defensivo, e os trípodas, adornados com figurinhas de guerreiros, evidenciam também a associação do deus às funções militares (BARRINGER, 2010, p. 160; ZOLOTNIKOVA, 2013a, p. 95). Embora haja evidências apenas a partir do século V a.C. para sua existência, assume-se que já

desde o século VIII a.C. o oráculo⁹ de Zeus em Olímpia tenha atuado em questões relativas a conflitos militares de forma parecida como nas épocas arcaica e clássica (BARRINGER, 2015, p. 24).

Outra perspectiva, contudo, prefere relacionar o culto de Zeus em Olímpia, durante a sua fase mais antiga, aos aspectos agrários e pastoris. De acordo com J. Taita, “a tipologia das oferendas recuperadas em Olímpia (principalmente as de figurinhas de animais), pertencentes aos séculos X e IX a.C., demonstram o caráter eminente pastoril do culto no local nesse período”¹⁰ (TAITA, 2007, p. 89). A seu ver, “o quadro histórico, social e econômico do culto em Olímpia induz a admitir que a divindade venerada desde a segunda metade do século IX a.C. teve uma conotação eminentemente atmosférica e foi procurada para garantir a fertilidade da terra e a fecundidade dos rebanhos” (TAITA, 2007, p. 95). Em sua perspectiva, o oráculo de Zeus, nessa época, teria servido, na realidade, “às consultas relativas aos interesses das populações para as quais a criação de animais representava a principal fonte econômica e de prestígio social” (TAITA, 2007, p. 91 e p. 95).

Uma terceira interpretação, sobre a fase mais antiga do culto de Zeus em Olímpia, foi recentemente proposta por O. Zolotnikova, que, ao nosso ver, é quem caracteriza de forma mais completa a divindade no santuário nessa época. Em linhas gerais, segundo essa estudiosa, todas essas características apontadas (militar, agrária e pastoril) relacionam-se, no fundo, ao culto, em Olímpia, de uma divindade indo-europeia relacionada ao céu claro (ZOLOTNIKOVA, 2013, p.97). Na ausência de evidências arquitetônicas seguras, é muito provável que o culto a Zeus no santuário, por muito tempo, ocorreu a céu aberto, uma característica que corresponde ao conceito de Zeus como o deus celeste, do céu claro (ZOLOTNIKOVA, 2013, p.97). Os tipos

das figurinhas masculinas de terracota têm fortes conotações ligadas à sexualidade masculina, ao poder masculino relacionado à fertilidade, o que indica, para essa autora, o culto de um Zeus maduro, de uma figura paterna, outro elemento do culto indo-europeu de uma divindade relacionada ao céu claro (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 97). E por último, a característica guerreira do culto de Zeus Olímpio também esteve presente entre divindades indo-europeias com aspecto celeste (ZOLOTNIKOVA, 2013, p. 97). Essa interpretação da pesquisadora russa, propõe uma explicação mais ampla para essas características e funções de Zeus em Olímpia, mais de acordo com o contexto regional (peloponésio) do culto de Zeus entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro, como é especialmente o caso do santuário do deus no Mt.Lykaion.

A partir do início da época arcaica, o aspecto militar de Zeus se sobrepôs, para sempre, às demais características antigas do culto ao deus em Olímpia (o agrário e o pastoril) (TAITA, 2007, p. 97). Como bem explica Taita, a comensalidade sagrada e a oferta de miniaturas (figurinhas humanas e animais) entraram em declínio entre o fim do século VIII a.C. e início do século VII a.C. devido a um tipo de devoção nova em Olímpia: o prestígio do oráculo de Zeus pediu a celebração de um ritual mais solene com a realização de uma grande festa que previa competições esportivas (TAITA, 2007, p. 106). Trata-se do período, como vimos, da instalação do primeiro estádio. As competições atléticas foram parte do processo que levou à *consolidação* de Zeus Olímpio como uma divindade militar em época arcaica, como demonstra a inter-relação entre atletismo e guerra na cultura grega antiga.¹¹ O estabelecimento dos jogos nessa época atesta, então, a crescente tendência do aspecto militar de Zeus no culto em Olímpia, desde a Idade do Ferro, que se afirmou como característica principal do culto local da divindade até o término das atividades religiosas no santuário. Como vimos no item anterior, a prática de dedicar despojos de guerra a Zeus Olímpio a partir

⁹ Sobre a discussão completa da função do oráculo de Zeus Olímpio em época clássica, vide Laky, 2013, p. 43-44.

¹⁰ Na perspectiva de Taita, o caráter fragmentário de tais objetos votivos não oferece elementos precisos para atribuí-los à tipologia de um Zeus guerreiro, mas apenas como imagens dos próprios devotos em vestes armadas (TAITA, 2007, p. 95, nota 42).

¹¹ Tal relação em Olímpia foi brilhantemente discutida por J. Barringer (2005). Um resumo sobre a tese dessa autora pode ser visto em Laky, 2013, p. 301-302.

do século VII a.C., e sua exposição na área do estádio, foi parte desse fenômeno, assim também como dedicações de estátuas de Zeus para comemorar vitórias militares, sem falar ainda nas pequenas estatuetas de bronze de Zeus Keraunios, tipos de representações do deus com importante significado militar (**Fig.7**). Essa função militar do culto de Zeus em Olímpia, culminou, durante o século V a.C. no papel do deus em mediar conflitos entre as comunidades políticas em nível local e inter-regional, como veremos na análise na sequência.



Fig.7 - Estatueta de bronze de Zeus Keraunios com a águia, c.480 a.C., Olímpia, Museu Arqueológico Nacional de Atenas (LIMC, VIII: fig.29e)

O PAPEL POLÍTICO DO CULTO DE ZEUS OLÍMPIO E DOS JOGOS

Já desde a Idade do Ferro, Olímpia desempenhou a função de um santuário sub-regional e inter-regional. A partir da segunda metade do século XI a.C. “o culto praticado no local funcionou como fator vinculante à unidade dos diversos grupos que gravitavam na bacia do rio Alfeu” (TAITA, 2007, p.86). Entre os séculos IX-VIII a.C., “os objetos votivos evidenciam que a festa a Zeus Olímpio havia alcançado notoriedade além desse rio”, como indicam a dedicação de trípodes monumentais por visitantes da Messênia e da Arcádia, e a presença, no santuário, de artesãos provenientes da Arcádia, Messênia, e de Argos, conforme indica o estudo de tipologia e de proveniência dos objetos votivos

dedicados no local nessa época (MORGAN, 1994, pp.89-90; TAITA, 2007, p.102). Assim, é possível afirmar que a função inter-regional do santuário de Olímpia se consolidou entre os séculos IX-VIII a.C., quando o local passou a ser frequentado não apenas pelas populações do noroeste do Peloponeso, região a qual pertenceu, mas por aquelas provenientes do sul e nordeste dessa grande área.¹² Embora a função sub-regional tenha se mantido nos períodos posteriores, a tendência inter-regional do santuário de Olímpia passou a se ampliar cada vez mais a partir do século VII a.C. com a instituição e expansão das competições atléticas, da prática de despojos de guerra a Zeus Olímpio, e com a participação de membros de comunidades políticas do Ocidente grego e de outras áreas da Grécia Balcânica (LAKY, 2013, p. 46). É interessante destacar, sobre os despojos de guerra, que “nenhum destes foram dedicados por Élis ou por comunidades da área do Alfeu”¹³ – tratou-se, portanto, de um tipo de oferenda tipicamente inter-regional e pan-helênica, dedicado por indivíduos de comunidades de várias partes do mundo grego.

Um traço característico de santuários extra-urbanos, como Olímpia, foi a participação das elites aristocráticas das comunidades políticas emergentes, ainda durante a Idade do Ferro, e das cidades gregas, a partir da época arcaica. A localização extra-urbana do santuário, a certa distância das maiores comunidades participantes, já na fase inicial do culto, foi um reflexo da função política e social de Olímpia como um lugar de encontro neutro às aristocracias locais das comunidades emergentes (MORGAN, 1993, p. 26; 1994: 191). Tais santuários nasceram essencialmente por duas razões: “forneceram espaços para o consumo conspicuo dos aristocratas, via atletismo e oferendas votivas, e ajudaram a resolver conflitos internos em Estados emergentes”

¹² É provável ainda que a função inter-regional de Olímpia tenha se iniciado no início da Idade do Ferro, quando se originou a relação do santuário com Argos, pólis localizada no lado nordeste do Peloponeso (MORGAN, 1994, p. 89).

¹³ TAITA, 2007, pp.113. Trata-se de um dado muito interessante e que merece um aprofundamento em uma pesquisa futura sobre as diferenças entre os tipos de votivos inter-regionais e aqueles sub-regionais.

(NEER, 2007, p. 226). De fato, a dedicação de tripodes monumentais de bronze, que aparece pela primeira vez no século IX a.C. em Olímpia, “atesta a participação de membros de aristocracias locais os quais fizeram parte de um circuito de ostentação de riqueza (e possivelmente também de proeza atlética) e pela qual os aristocratas podem ter mantido seu *status* pessoal dentro de suas comunidades individuais” (MORGAN, 1993, p.26; 1994, p.191). R. Neer explica que o investimento em ostentação e em comportamento de auto engrandecimento, em um culto inter-regional, poderia ser uma maneira de solidarizar-se com membros da aristocracia de outras *póleis* ao mesmo tempo em que estes santuários foram espaços para disputas políticas e para competições entre aristocracias locais (NEER, 2007, p. 228).

Durante o século VI a.C., quando Olímpia atingiu seu primeiro grande ápice como santuário inter-regional, mudanças importantes ocorreram em relação à participação das elites aristocráticas nos jogos olímpicos, e à afiliação às suas cidades de origem, como também à atividade do Estado no culto e o papel do santuário na formação da identidade grega no período – todos fenômenos interligados, em certo nível. Em primeiro lugar, tratou-se do período do “protagonismo da individualidade aristocrática no campo das relações entre as *póleis* e das atividades externas destas em escala regional e pan-helênica” – “o *ágon* pan-helênico, experiência privilegiada do estilo de vida aristocrático, havia se consolidado, nessa época, como um dos modos preferidos de afirmação do *status* social das elites diante de sua própria cidade e diante do mundo grego” (GIANGIULIO, 1993, p. 115). Em segundo lugar, “entre o final do século VII e o decurso do século VI a.C. ocorreu a terceira fase de desenvolvimento de Olímpia, comum também a outros santuários inter-regionais da Grecia Balcânica: pela primeira vez o investimento em arquitetura monumental se tornou aparente”, como mostra a construção do dito Heraion e dos primeiros tesouros¹⁴ (HALL, 2007, p. 271). Esse fenômeno teve a ver com “o aumento

do interesse do Estado em Olímpia (a formalização de sua participação) e com a institucionalização do festival olímpico e de sua incorporação dentro do círculo pan-helênico nesse período” (MORGAN, 1993, p. 26).¹⁵ Essa presença do Estado no santuário também tem relação com uma mudança na participação das elites aristocráticas em Olímpia, quando, durante o século VI a.C., estas passaram a competir nos jogos como representantes de suas *póleis* (HALL, 2007, pp. 272-273). Uma evidência importante desse fenômeno foi a dedicação de edifícios, como os tesouros, ou outros tipos de monumentos, no nome das comunidades, ainda que estes tivessem sido financiados pelos mais ricos – enquanto que no século VII a.C. tal prática era realizada para os membros das elites obterem renome e glória individuais nos santuários inter-regionais (HALL, 2007, pp. 272-273). Tratou-se, nesse caso, de uma mudança observada também em outros santuários além de Olímpia.

Corresponde a esse contexto, a terceira e última transformação nessa época, que refere ao papel de Olímpia como espaço da elaboração da identidade grega em época arcaica. Segundo J. Hall, a partir do século VI a.C., “apenas em Olímpia as competições eram restritas àqueles que podiam provar descendência helênica” (HALL, 2002, p. 154). Conforme esse autor defende, a formação da identidade grega teria alcançado um estágio importante em Olímpia, quando no século VI a.C., membros da elite de comunidades da Tessália foram permitidos a participar nos jogos olímpicos, um ambiente predominantemente dório desde suas origens. Assim, uma identidade mais abrangente, teria surgido “na medida em que as elites de comunidades dórias, jônicas e aqueias (cujas participações são atestadas desde o século VIII a.C.) começaram a forjar relações de parentesco fictícias com os eólios da Tessália no século VI a.C.” para assim justificar a participação de membros dessa região no santuário (HALL, 2001, p. 219; 2007^a, p. 274). Trata-se do alargamento de

¹⁴ Trata-se dos tesouros de Síbaris, Metaponto, Gela, Sicione, Epidamnos, Selinonte, Cirene e Mégara - todos são obras do século VI a.C. (HALL, 2007, p. 271).

¹⁵ Já a partir do século VI a.C. “Olímpia fazia parte de um circuito de jogos *stefaníticos* estabelecidos nos principais santuários inter-regionais além de Olímpia, como de Apolo em Delfos, de Poseidon em Ístmia e de Zeus em Neméia” (HALL, 2002, p. 154).

uma relação, em nível étnico, que nunca havia sido antes estabelecida em outros contextos no mundo grego.

Todo esse contexto descrito permitiu, a partir do início do século VI a.C., a ocorrência de um outro fenômeno muito importante, relacionado ao culto de Zeus em Olímpia, à participação das elites das *póleis* e à formação da identidade grega. Trata-se do processo de difusão do culto de Zeus Olímpio, desse santuário, às *póleis* de determinadas regiões do mundo grego – um fenômeno vigente até o século V a.C. – objeto de um estudo nosso anterior (LAKY, 2013). Nesse estudo, concluímos que “Olímpia, como propagadora de uma rede específica do culto de Zeus Olímpio, teve um papel único, diferenciado e destacado nesse processo de difusão, cujo motor ou agentes catalisadores, foi a participação das elites gregas em Olímpia e o papel do santuário na construção da helenidade no século VI e V a.C.: o culto do deus, a nosso ver, emergiu nas cidades gregas impulsionado pelo envolvimento de uma elite e pela afirmação da identidade grega no período” (LAKY, 2013, p. 317). O culto foi instituído em sete regiões do mundo grego (Sicília, Itália do Sul, Peloponeso, Ática, Eubéia, norte da África e Macedônia) e em doze *póleis* (Lócris, Selinonte, Agrigento, Siracusa, Cirene, Esparta, Corinto, Mégara, Atenas, Cálcis, Díon e Patras) (LAKY, 2013, p. 25 e 28). Com relação à identidade grega, e seus vários níveis, concluiu-se que foi “uma rede de cidades dórias a responsável pela maior parcela de apropriações do culto da divindade nas áreas coloniais e balcânica do mundo grego, explicando a característica dórica assumida arquitetonicamente pelos Olímpieia e a predominância dórica e ocidental em Olímpia” (LAKY, 2013, p. 318). Chegamos à conclusão do papel das elites no processo de difusão e de instituição do culto nas cidades gregas, com base no envolvimento desse grupo no estabelecimento dos santuários políades da divindade e em sua relação destacada com o santuário inter-regional: “a busca, permanente, em reforçar laços e valores culturais (sobretudo aqueles manifestos na relação guerra-atletismo) em Olímpia” (LAKY, 2013, p. 303). Tratou-se, portanto, “da identificação dos valores políticos desse grupo político das cidades gregas com

as características (a personalidade) de Zeus Olímpio, um deus guerreiro que expressou autoridade sobre os deuses e os homens de uma maneira permanentemente almejada pela aristocracia na sociedade grega” (LAKY, 2013, p. 303). Nesse processo de difusão, foi também constatado que o aspecto militar de Zeus Olímpio, tão presente no santuário inter-regional, desde suas origens, manteve-se nos cultos políades da divindade (LAKY, 2013, p. 318).

Após essa longa explicação da função de Olímpia entre a aristocracia, desde o início da atividade cultural no local, resta mencionar o papel mais importante desempenhado pelo santuário em relação às comunidades políticas a partir do século V a.C.: a mediação e arbitragem de conflitos locais e inter-regionais. Como bem coloca Taita, “a autoridade de Zeus Olímpio representou a garantia suprema que sancionava a instauração de relações pacíficas intercomunitárias e regulava eventuais controvérsias a nível local” (TAITA, 2007, p. 141-142). Em nível sub-regional, evidências epigráficas testemunham acordos entre comunidades da área do Alfeu durante o século V a.C., como o tratado de *φιλία* entre os *Anaítoi* e os *Metápioi* (TAITA, 2007, pp. 45-46).¹⁶ De acordo com Barringer, no início do século V a.C., “a implementação da arbitragem em Olímpia foi uma consequência direta das guerras pérsicas: a vitória alcançada em Platea por meio da unidade dos gregos inspirou a implementação de uma arbitragem para evitar conflitos entre os gregos” (BARRINGER, 2015, p. 30). A partir dessa época, “tratados internacionais passaram a cada vez mais a serem publicados em Olímpia para obter a sanção religiosa, no caso de Zeus Olímpio, e para assim garantir uma grande audiência e direitos contra violações dos termos” (NIELSEN, 2007, p. 79-81). Conforme Nielsen e Roy, “ao publicarem tais tratados, as comunidades também ostentavam sua ‘estatura’ e afirmavam seu lugar no mundo grego” (NIELSEN & ROY, 2009, p. 266).

¹⁶ Essas inscrições, encontradas em Olímpia, sobre acordos, atos públicos, ao lado de outros tipos em oferendas, todas datadas do século V a.C., são testemunhos também da existência de várias comunidades independentes à Élis na área da bacia do Alfeu nesse período. A esse respeito, ver Taita, 2007, pp.41-48.

A função de *asylia* de Olímpia tornou o santuário um lugar igualmente propício para a realização de acordos entre as cidades. Missões diplomáticas colocavam-se sob a proteção do santuário a fim de tornar difícil aos negociantes do outro lado rejeitar seus pedidos. Tucídides (III. XIV. 1-2 - XV) nos fornece o principal testemunho a esse respeito ao narrar o discurso dos mitilênios em Olímpia em 428 a.C. no contexto da guerra do Peloponeso. Após terem deixado a liga ateniense, os mitilênios requereram a adesão à liga peloponésia em uma reunião no santuário: “em vista do fato de que estavam reunidos em Olímpia, tornavam-se automaticamente suplicantes de Zeus o que impedia a rejeição de seu pedido de adesão” (SINN, 2000, p. 157; p. 158; nota 8).

De acordo com interpretações mais recentes, esse papel de Olímpia e de Zeus Olímpio, na mediação e arbitragem de conflitos, alcançou um momento importante após a metade do século V a.C., no contexto da guerra do Peloponeso. O declínio da dedicação de despojos de guerra, nessa época, teria sido um reflexo de uma proibição para evitar ofensas entre as cidades participantes nos jogos e no culto. No entanto, outros tipos de dedicações, relativas à certas comemorações militares, continuaram a ocorrer em Olímpia. Tal fato é explicado por J. Roy, em um recente artigo, como negociações entre a comunidade ofertante e Élis ou às pressões que, às vezes, a pólis administradora do santuário precisava ceder ao aceitar tal tipo de dedicação (ROY, 2013, p. 116).

O papel do santuário na exposição de decretos, leis, tratados, referentes às regras do santuário, envolvendo ou não outras comunidades, continuou como uma prática no local até o período romano (BARRINGER, 2015, p. 30).

Em síntese, Olímpia foi o “centro mais importante de interação e exibição para as *póleis* desde a época arcaica” (NIELSEN & ROY, 2009, p. 266). De acordo com Nielsen, Olímpia foi uma instituição de importância crucial na cultura da cidade grega, “pois ajudou a criar e a manter um grau de similaridade na enorme diversidade produzida pela existência de mais de mil *póleis* altamente individualizadas e radicalmente auto diferenciadas” (Nielsen, 2007, p. 99). Foi também “uma instituição que contribuiu para a

formação e manutenção da diversidade dentro da similaridade que ela própria promoveu” (NIELSEN, 2007, p. 99). Em outras palavras, “através do processo de interação, em Olímpia foi confirmada e continuamente reconfirmada a identidade helênica global, a qual todas as *póleis* gregas compartilharam, e as identidades locais das *póleis* individuais pelas quais foram demarcadas como únicas, cada uma em sua própria maneira” (NIELSEN, 2007, p. 99).

Nenhum santuário de Zeus alcançou papel comparável àquele exercido pelo deus em Olímpia em relação às comunidades políticas, e aos seus grupos políticos (a aristocracia), e a articulação de vários grupos étnicos gregos, a ponto de influenciar a formação de uma identidade maior, a grega. Também Olímpia é o santuário de Zeus onde mais se conservou e mais oferece informação sobre o envolvimento da pólis em um culto da divindade, tanto no nível político como no da identidade.

THE SANCTUARY OF OLYMPIA, THE CULT OF ZEUS OLYMPIOS AND THE OLYMPIC GAMES FROM A HISTORIOGRAPHIC REVIEW

Abstract: It has been accepted that the institution of the *agones* in Olympia occurred, among other factors, due the prestige achieved by the oracle of Zeus *Olympios* during the 7th century BC, which would have led the celebration of a more solemn ritual (a great festival) which included agonistic competitions in honor to the deity (TAITA, 2007, p. 106). This period corresponds also to the installation of the first stadium. The *agones* were part of a process that led to the consolidation of Zeus *Olympios* as a military deity from the Archaic period, as demonstrates the inter-relationship between athletics and war in Greek culture. In this article, we will present an overview concerning the more recent debate on the development of religious activities in the sanctuary of Olympia (with emphasis on the worship of its main deity, Zeus *Olympios*) and the inter-relationship with the agonistic practices, political groups and their communities until the Classical period (mainly the 5th century BC).

Keywords: Olympia; Zeus *Olympios*; Olympic games.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRINGER, Judith M. The Temple of Zeus at Olympia, Heroes, and Athletes. *Hesperia*, v.74, 2005, p. 211-241.

_____. The Olympic Altis before the Temple of Zeus. *Jahrbuch des Deutschen Archäologischen Instituts*, v.124, 2009, p. 223-250.

_____. Zeus in Olympia. In: ERSKINE, A.; BREMER, J.N. (Eds.). *The Gods of Ancient Greece: Identities and Transformations*. Edimburgo, Edinburgh University Press (Edinburgh Leventis Studies), 2010, p. 155-177.

_____. The Changing Image of Zeus at Olympia. *Archäologischer Anzeiger*, v.1, 2015, p. 19-37.

BERVE, Helmut.; GRUBEN, Gottfried. *Greek Temples, Theatres and Shrines*. Londres: Thames and Hudson, 1963.

DE POLIGNAC, François. *Cults, Territory and the Origins of the Greek City-State*. Chicago; Londres: The University of Chicago Press, 1995.

DINSMOOR, William B. *The Architecture of Ancient Greece. An Account of its Historic Development*. Londres; N. York; Toront; Sidney: B.T. Batsford, 1950.

DOXIADIS, Constantinos A. *Architectural Space in Ancient Greece*. Cambridge; Massachussets; Londres: The Mit Press, 1972.

DUPLOUY, Alain. Culti e cultura nella Grecia di età geometrica (1000-750 a.C.). *Atti del Cinquantésimo convegno di studi sulla Magna Grecia* (Taranto 1-4 Ottobre 2010). Tarento: Istituto per la storia e l'archeologia della Magna Grecia, 2012, p. 103-132.

GIANGIULIO, Maurizio. Le Città di Magna Grecia e Olimpia in Età Arcaica. Aspetti della Documentazione e della Problematica Storica. In: MASTROCINQUE, Attilio. (Ed.). *I Grandi Santuari della Grecia e l'Occidente. Labirinti*, vol. 3. Trento, Università degli Studi di Trento, 1993, p. 93-118.

GRUPICO, Theresa M. *The Influence of Urban Planning on Temple Design in West Greece*. Tese. N. Brunswick; N. Jersey: The State University of N. Jersey, 2008.

HALL, Jonathan M. Quem eram os gregos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v.11, 2001, p. 213-225.

_____. *Hellenicity: Between Ethnicity and Culture*. Chicago: Chicago University Press, 2002.

_____. *A History of Archaic Greek World ca. 1200-479 B.C.E*. Malden: Blackwell, 2007.

HEILMEYER, Wolf-Dieter et al. *Mythos Olympia. Kult und Spiele*. Munique; Londres; N. York: Prestel, 2012.

HELLMANN, Wolf-Dieter. *L' Architecture Grecque*. Paris: Librairie Generale Française, 1998.

HIMMELMANN, Nikolaus. La vie religieuse à Olympie: fonction et typologie des offrandes. In: PASQUIER, Alain. (Ed.). *Olympie*. Paris, Musée du Louvre (Louvre Conférences et Colloques), 2001, p. 153-179.

KOUTSOUMBA, Despina. *Olympia. Archaeological Guides*. Atenas: Explorer, 2004.

KYRIELEIS, H. Les fouilles allemandes à Olympie. In: PASQUIER, A. (Ed.). *Olympie*. Paris, Musée du Louvre (Louvre Conférences et Colloques), 2001, p. 45-74.

KYRIELEIS, H. Anfänge und Frühzeit des Heiligtums von Olympia. Die Ausgrabungen am Pelopion 1987-1996. *Olympische Forschungen*, v. 31, Berlin, 2006.

_____. Olympia. Excavations and Discoveries at the Great Sanctuary. In: VALAVANIS, P. (Coord.). *Great Moments in Greek Archaeology*. Los Angeles, The J. Paul Getty Museum, 2007, pp. 100-117.

LAKY, Lilian A. As moedas de Olímpia e a consolidação da imagética de Zeus na Grécia Clássica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 18, 2008, p. 211-237.

_____. Olímpia e os Olimpieia: a origem e difusão do culto de Zeus Olímpio na Grécia dos séculos VI e V a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 16, 2013.

_____. *A apropriação e consolidação do culto de Zeus pela cidade grega: moedas e santuários política e identidade em época arcaica e clássica* (Tese). São Paulo: MAE-USP, 2016.

(LIMC) *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*. Vol. VIII (1 e 2). Thespiades-Zodiacus et Supplementum Abila-Thersites. Düsseldorf, Zürich: Artemis, 1997.

MORGAN, Catherine. The Origins of Pan-hellenism. In: MARINATOS, Nanno.; HÄGG, Robin. (Eds.). *Greek Sanctuaries. New Approaches*. Londres; N. York, Routledge, 1993, p. 18-44.

_____. *Athletes and Oracles. The transformation of Olympia and Delphi in the eighth century B.C*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

MOUSTAKA, Aliko. On The Cult of Hera at Olympia. In: HÄGG, Robin. (Ed.). *Peloponnesian Sanctuaries and Cults*. Proceedings of the Ninth International Symposium at the Swedish Institute at Athens, 11-13 June 1994. Estocolmo, *Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae*, (Acta Instituti Atheniensis Regni Sueciae, Series 4a, 48), 2002a, p. 199-205.

MOUSTAKA, Aiki. Zeus und Hera im Heiligtum von Olympia und die Kulttopographie von Elis und Triphylien. In: KYRIELIS, Helmut. (Ed.). **Olympia 1875-2000: 125 Jahre deutsche Ausgrabungen**. Internationales Symposium, Berlin 9-11. November 2000. Mainz, Deutsches Archäologisches Institut, 2002b, p. 301-315.

NEER, Richaard T. Delphi, Olympia, and the Art of Politics. In: SHAPIRO, Harvey A. (Ed.). **The Cambridge Companion to Archaic Greece**. Cambridge, Cambridge University Press, 2007, p. 225-264.

NIELSEN, Thomas H. Olympia and the Classical Hellenic City-State Culture. **Historik-filosofiske Meddeleser**, v. 96, 2007, p. 1-139.

NIELSEN, Thomas H.; ROY, James. The Peloponnese. In: RAAFLAUB, Kurt A.; WEES, Hans. (Eds.). **A Companion to Archaic Greece**. Massachusetts; Oxford, Wiley-Blackwell, 2009, pp. 255-272.

RICHTER, Gisela M. A. The Pheidian Zeus at Olympia. **Hesperia**, v. 35, no. 2 (Apr.-Jun.), 1966, p. 166-170.

ROY, James. Olympia, identity and integration: Elis, Eleia, and Hellas. In: FUNKE, Peter.; HAAKE, Matthias. (Eds.). **Greek Federal States and their Sanctuaries. Identity and integration**. Stuttgart: Franz Steiner, 2013, p. 107-122.

SINN, Ulrich. Greek Sanctuaries as Places of Refuge. In: BUXTON, Richard. (Ed.). **Oxford Readings in Greek Religion**. Oxford, Oxford University Press, 2000, p. 70-87.

SCOTT, Michael. **Delphi and Olympia. The Spatial Politics of Panhellenism in the Archaic and Classical Periods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TAITA, Julia. **Olimpia e il suo vicinato in Epoca Arcaica**. Milão: Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto, 2007.

TOMLISON, Richard A. **Greek Architecture**. Londres: Bristol Classical Press, 1995.

VALAVANIS, Panos. **Games and Sanctuaries in Ancient Greece. Olympia, Delphi, Isthmia, Nemea, Athens**. Atenas: Kapon Editions, 2004.

VEROIA, Demetrios B. **Studien zum System des Vokabulars der Architektur dorischer Ordnung am Beispiel des Ringhallentempels archaischer und klassischer Zeit**. Tese. Darmstadt: Universität Darmstadt, 2009.

YALOURIS, Nicolaos. (Org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004.

YOUNGER, John G.; REHAK, Paul. Technical Observations on the Sculptures from the Temple of Zeus at Olympia. **Hesperia**, v.78, n.1 (Jan.-Mar.), 2009, p. 41-105.

ZOLOTNIKOVA, Olga A. Evidence for the worship of Zeus during the late prehistoric-early historic periods. In: MAZARAKIS-AINIAN, A. (Ed.). **The "dark ages" revisited**. Acts of an International Symposium in memory of William D.E. Coulson. University of Thessaly, Volos, 14-17 June 2007. Volos, University of Thessaly Press, 2011, p. 233-246.

_____. **Zeus in the Early Greek Mythology and Religion: from prehistoric times to early archaic period**. Oxford: Archeopress (BAR international series, 2492), 2011.